

O GÊNERO MULTIMODAL CHARGE: UM INSTRUMENTO DE DISSEMINAÇÃO DE DISCURSOS E ESTEREÓTIPOS SOBRE O ACRE

Anyelle Samy Costa de Oliveira¹
Gabriela Maria de Oliveira Codinhoto²

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar o estudo das representações e dos discursos ideológicos relacionados às temáticas de alguns estereótipos sobre o estado do Acre, publicados em dois jornais eletrônicos, *A Gazeta* e *Tarauacá Notícias*, por meio do gênero textual/discursivo e multimodal charge. Para isso, selecionamos para a análise três textos chárgicos, publicados entre os anos de 2011 e 2016. A escolha da referida modalidade textual se deu devido ao fato de as ilustrações estarem frequentemente presentes no cotidiano das pessoas, circulando nos meios de comunicação de massa como os jornais impressos e digitais. Acreditamos que o caráter humorístico das charges torna esse gênero bastante popular, tornando-se, portanto, um espaço alvo para a disseminação de ideias preconceituosas sobre o Acre. A perspectiva metodológica baseia-se na abordagem qualitativa e interpretativa, a fim de identificar as representações estereotipadas presentes nas ilustrações. Para tanto, utilizamos como referencial teórico os pressupostos de Rojo (2009), por se tratar de uma análise de textos multissemióticos, associando os usos de linguagem verbal e visual para enfatizar discursos e ideologias preconceituosas, além de Murari (2007), Pizarro (2012) e entre outros autores. Com isto, esperamos trazer uma reflexão acerca da utilização das charges como um instrumento capaz de disseminar discursos estereotipados sobre a Amazônia acreana.

PALAVRAS-CHAVE: Charge; discursos; Acre.

THE CARTOON MULTIMODAL GENRE: AN INSTRUMENT OF DISSEMINATION OF DISCOURSES AND STEREOTYPES ABOUT THE BRAZILIAN STATE OF ACRE

ABSTRACT

This article aims to analyze the study of the representations and ideological discourses related to the themes of some stereotypes about the State of Acre, published in two electronic newspapers: *A Gazeta* and *Tarauacá Notícias*, through the textual/discursive and multimodal genre (cartoon). Thus, we selected for the analysis three texting cartoons, published between the years 2011 and 2016. The choice of this textual modality happens because illustrations are often present in people's daily lives, circulating in the mass media such as printed and digital newspapers. We believe that the humorous character of cartoons makes this genre very popular, becoming, therefore,

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) pela Universidade Federal do Acre

² Professora do Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre - (UFAC).

a meaningful space for the dissemination of misperceptions about Acre. The methodological perspective is based on the qualitative and interpretative approach, to identify the stereotyped representations found in the illustrations. For this, we use as theoretical reference the assumptions of Rojo (2009), because it is an analysis of multisemiotic texts, associating the use of verbal and visual language to emphasize prejudiced discourses and ideologies, Murari (2007), Pizarro (2012), and among other authors. With this, we hope to stimulate a reflection about the use of cartoons as a tool capable of disseminating stereotypical discourses about the Amazonian State of Acre.

KEYWORDS: Cartoon; discourses; Acre.

INTRODUÇÃO

A região amazônica tem sido, historicamente, um lugar capaz de promover imaginações a respeito de sua origem, do lugar e da constituição da própria região. Os imaginários concebidos são em boa parte fantasiosos e apegados a uma visão de um local monótono, inabitável, homogêneo e inferiorizado. Com isso, segundo Queirós e Mendes (2018), os estados que compõem a região amazônica brasileira, em destaque o estado do Acre, são representados de forma uniforme, passando a serem identificados pelo cenário exótico e exuberante, bem como também pela manutenção de alguns estereótipos.

O cenário acreano é permeado por narrativas que envolvem a Amazônia, relacionando a natureza da selva com a lentidão e monotonia do estado, trazendo a ideia de um local afastado do resto do país e, portanto, atrasado, sem nenhum avanço, e ainda de uma região inóspita, seja devido à existência de tribos indígenas, das lendas com seres e criaturas fantásticas que habitam a imensidão das florestas, ou ainda por questões relacionadas ao clima e as doenças contagiosas e sem cura.

Neste trabalho, pretendemos analisar as representações e os discursos ideológicos a respeito da região amazônica do Acre por meio do gênero textual/discursivo e multimodal charge, publicados nos jornais *A Gazeta* e *Tarauacá notícias*. Para isso, selecionamos três textos chárgicos, publicados nos mencionados jornais, entre os anos de 2011 e 2016. Acreditamos que os textos chárgicos sejam comumente utilizados como recursos discursivos e ideológicos, bem como podem ser agentes propiciadores na disseminação de ideias estereotipadas sobre o estado do Acre.

Para promover tal reflexão, utilizaremos como caminho metodológico a abordagem qualitativa interpretativa baseada na revisão da literatura, tomando como base os pressupostos teóricos de Marcuschi (2010), Rojo (2009), Murari (2007), Pizarro (2012), dentre outros.

Este estudo inicia-se com um breve panorama acerca dos gêneros textuais, discursivos e multimodais, no qual destacaremos os textos chárgicos, nosso foco de análise, a fim de verificarmos as representações e os discursos estereotipados sobre a região Amazônia, ressaltando o estado do Acre, seguida de análises dos textos chárgicos.

GÊNEROS TEXTUAIS, DISCURSIVOS E MULTIMODAIS

Para Marcuschi, “os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” (2010, p. 19). Portanto, o termo gênero textual, conforme Marcuschi, é utilizado para referir-se aos “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdo, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (2010, p. 23). Ou seja, os gêneros textuais são os textos que encontramos em nosso cotidiano, que vão desde um telefonema, uma troca de e-mail, uma conversa, um bate papo virtual, um bilhete, uma carta, uma bula de remédio, uma receita, até as notícias jornalísticas e entre outros inúmeros gêneros.

Muitas são as formas existentes para que uma comunicação seja de fato estabelecida, e boa parte dela está associada ao uso dos textos. A escolha de um gênero textual na comunicação nunca é por acaso ou aleatória, pois sempre utilizaremos o texto que seja mais eficiente para alcançarmos a nossa finalidade. São as características sociocomunicativas dos textos que nos permitirão dizer qual tipo textual é mais eficiente em um dado momento comunicativo. Afinal, ainda conforme Marcuschi (2010), os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se.

A língua varia e os gêneros também variam; desse modo, a maneira como eles se desenvolvem é dinâmica, propiciando o surgimento de novos gêneros como desmembramento de outros, seja de acordo com as necessidades das pessoas, seja ainda pelo surgimento e avanço das novas tecnologias. Diante da adequação dos gêneros às necessidades dos falantes e as suas variações, torna-se inviável numerá-los. No entanto, apesar de não termos um certo controle sobre a quantidade de gêneros textuais existentes, é possível distingui-los e identificá-los, em razão das peculiaridades que eles possuem.

De acordo com Bakhtin, “[cada] enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos de gêneros discursivos” (2003, p. 262). O conteúdo temático, o estilo, e a construção composicional são alguns dos elementos que compõem os gêneros discursivos. Desse modo, podemos destacar que a relativa estabilidade corresponde ao fato de que não existe um modelo imutável de texto.

Conforme Bakhtin (2003), os gêneros discursivos são classificados como primários (simples) e secundários (complexos). Os gêneros primários são relacionados ao campo da oralidade, como exemplo, o diálogo. Os gêneros secundários, por sua vez, conhecidos também como complexos, correspondem ao conto, ao romance e as pesquisas científicas. Os gêneros do discurso possuem uma extensa variedade devido ao fato de que a multiformidade humana possui uma acentuada diversidade, tornando-se inesgotável e também

[...] porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia a medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. Cabe salientar, em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano, (saliente-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extremamente grande em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes). [...] (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Os gêneros do discurso crescem, se diferenciam e se complexificam devido ao fato de os indivíduos de uma sociedade estarem cada vez mais envolvidos em diversas atividades humanas, compartilhando experiências em muitos campos. Dessa forma, na

medida em que acontecem as modificações sociais, os avanços da tecnologia, da comunicação e da informação, passamos a presenciar a explosão de novos gêneros e entender a relevância de cada um deles, e ainda passamos a compreender a necessidade de eles se adequarem ao contexto de atividade e espaço temporal. O contínuo avanço tecnológico, associado às mudanças culturais e ideológicas, tem instigado o surgimento de novos gêneros falados e escritos.

As novas composições textuais têm surgido a partir da proliferação tecnológica, estimulando, portanto, a aparição de gêneros multimodais. Ferraz (2008) define o texto multimodal como aquele no qual o significado se realiza por mais de um código semiótico, ou seja, através da grande utilização dos recursos sonoros, visuais, de animações, entre outros utilizados como meios para se comunicar.

A discussão sobre a multimodalidade vem alcançando notoriedade em diversas áreas de estudos: na Psicologia, na Pedagogia, na Semiótica, na Linguística ou na Análise do Discurso. É justamente a união de palavras, formatos, sons e cores na construção de sentidos que têm atraído muitos campos científicos, possibilitando, portanto, uma ascensão dos textos multissemióticos. Além disso, a multimodalidade se destaca pela possibilidade de utilizar inúmeros gêneros, como as tirinhas, capas de revistas, histórias em quadrinhos, pinturas e propagandas. Com isso, ressaltaremos mais à frente o gênero charge, nosso foco de texto multimodal.

Segundo Rojo e Moura (2011), a multimodalidade pode ser definida como a interação entre as diferentes linguagens de um mesmo texto, e não apenas como a soma de linguagens. Ademais, “o termo ‘modalidade’ ou ‘modo’ é utilizado para referir diferentes qualidades de percepção sensorial provocados por diversas formas de produção de sentidos, em que se envolvem ‘tecnologias’ diferenciadas” (ROJO, 2013, p. 23).

Rojo (2013) enfatiza que o fácil acesso às tecnologias digitais da comunicação e da informação, juntamente com as mudanças sociais, culturais e ideológicas, foram os fatores que mais contribuíram nas transformações relacionadas às formas de leitura, de produção e de circulação de textos na sociedade. Ainda de acordo com a referida autora,

os textos que circulam na internet, nos impressos, nos jornais e nas mídias de massa passaram a ser caracterizados pela multissemiótica, ou intrassemiótica, ou ainda multimodalidade.

Partindo do pressuposto de que os textos multimodais surgiram a partir das intensas transformações, podemos destacar que as maneiras de produzir, de ler e de fazer circular textos na sociedade contemporânea não são mais as mesmas. Diante disso, é válido ressaltar que os textos visuais na era da comunicação e da informação estão presentes em todos os veículos midiáticos, inclusive nos jornais impressos e digitais.

Nesta perspectiva, a *charge*, como exemplo de gênero da multimodalidade, naturalmente presente nas práticas cotidianas das pessoas, possui uma livre circulação nos meios de comunicação, seja por meio dos jornais, das revistas, dos blogs, ou dos sites. Dessa forma, as ilustrações de teor humorístico consistem em um suporte lúdico e popular, capaz de propiciar facilmente a produção e a reprodução de algumas ideologias discursivas, com alcance imediato de um grande número de pessoas.

CHARGE

A charge é um dos inúmeros gêneros textuais/discursivos representados na multimodalidade. A relação da linguagem verbal e não verbal desperta o interesse de leitura em boa parte das pessoas. Outro aspecto vantajoso da charge é o (bom) humor presente nos textos chárgicos, tornando-os bastante atrativos e prazerosos. Apesar do teor humorístico manifestado no referido gênero, a charge é um dos principais veículos transmissores de críticas e opiniões reflexivas em uma sociedade.

Para Mendonça (2007) distinguir esse gênero é difícil, mesmo para os profissionais e estudiosos da área. Isso porque alguns autores compartilham da linha teórica que considera a charge e o cartum como um mesmo gênero. No entanto, a autora destaca que apesar de algumas semelhanças entre esses dois gêneros, é possível identificar algumas características composicionais que diferenciam os termos charge e cartum.

Esses aspectos considerados comuns entre os gêneros charge e cartum estão quase sempre atrelados ao teor humorístico, aos elementos visuais e ao objetivo de retratar acontecimentos sociais. Apesar dessa notória afinidade, é possível identificar algumas diferenças entre os mencionados gêneros. De acordo com Mendonça (2007), a charge é caracterizada pelo aspecto temporal, cuja finalidade é satirizar os acontecimentos sociais mais atuais. O cartum, por sua vez, embora seja também uma forma de expressar ideias e críticas sociais, é considerado um gênero atemporal.

Nesse sentido, Mendonça (2007) destaca que, assim como as notícias, a charge “envelhece”. Esse envelhecimento acontece porque as charges comportam fatores sociais datados, específicos de um determinado contexto. No que se refere ao cartum, a autora enfatiza que esse gênero possui o elemento da atemporalidade, cujas temáticas podem ser reconhecidas e compreendidas em qualquer tempo. Por essa razão, dada a complexidade desses dois gêneros, discutiremos apenas os aspectos relacionados ao gênero charge.

Segundo Mouco e Gregório (2007), a etimologia da palavra charge tem origem na língua francesa, correspondendo, portanto, ao verbo *charger*, que significa carregar ou exagerar. Notadamente, o significado da palavra charge está intimamente ligado ao fato de os textos chárgicos serem tendenciosos a exagerar o caráter de algo ou de alguém, que se dá principalmente por meio das caricaturas. O critério para a escolha da figura a ser ilustrada geralmente é baseado em ridicularizar, ironizar ou satirizar pessoas públicas, como os artistas, políticos e jogadores de futebol. O objetivo consiste em focar em determinado acontecimento que seja conhecido por muitos leitores.

Conforme Cavalcanti (2008), a charge surgiu mediante ao contexto do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, e ao posterior progresso da imprensa. A aparição da técnica de articulação entre imagens e falas dos balões surgiu nos Estados Unidos, a partir de um interesse dos leitores pelos chamados *comics* e de um interesse lucrativo por parte das empresas comunicativas que aumentavam consideravelmente a vendagem dos jornais. O empenho por atrair novos leitores de textos jornalísticos fez com que a imprensa norte-americana utilizasse ferramentas mais

ilustrativas; dessa forma, os quadrinhos começaram a ser publicados nos jornais aos domingos.

Inicialmente, as tirinhas eram publicadas apenas em preto e branco, devido ao seu menor custo de produção, e somente após ganharem repercussão em todo o mundo passaram a ser coloridas. Foi por meio desse processo de valor dado à linguagem verbal e imagética que houve uma procura demasiada desse gênero e em razão disso um aumento das vendas em todos os jornais. Nesse momento, as charges passaram a se desenvolver de forma bem-humorada, esboçando críticas nas quais a política estava quase sempre envolvida (CAVALCANTI, 2008). Atualmente, as charges dificilmente são publicadas em preto e branco, sendo possíveis de serem encontradas tanto no universo impresso quanto no digital.

Geralmente, a charge é ilustrada em apenas um quadro; no entanto, ainda existem aquelas que ocupam mais espaço. Apesar de ser característica desse gênero a junção da imagem com a linguagem verbal, existem as charges que possuem apenas um tipo de linguagem, em que só imagem, em forma de caricatura ou de símbolos, é utilizada. Em outras palavras, a charge é um gênero capaz de representar graficamente um assunto conhecido segundo a visão crítica de um chargista ou de um jornal, de modo que transmita informações críticas a respeito de algo ou de alguém, abordando de maneira geral as notícias de grande importância e repercussão.

Os textos chárgicos envolvem uma mistura de criticidade com opinião, normalmente publicados nos jornais impressos, em cadernos de opiniões, em cartas argumentativas, editoriais, artigos de opinião em sites e em algumas redes sociais. (CAVALCANTI, 2008). Diante dessa extensa circulação, os textos visuais estão presentes em diversos veículos midiáticos, exigindo assim uma leitura que envolve cada vez mais as múltiplas linguagens.

Nessa perspectiva, o gênero charge é um exemplo fundamental de texto verbal e visual que envolve as múltiplas linguagens. Afinal, os elementos principais constituintes nas charges são os não verbais e os verbais. Os elementos não verbais se referem ao traço específico de cada desenhista, aos símbolos, aos signos, às caricaturas e aos balões

de fala. Já os elementos que correspondem aos verbais são representados pelas falas e pensamentos dos personagens, bem como pelas legendas, títulos e onomatopeias.

No geral, as charges representam figuras humanas com elementos caricaturais, em que os traços físicos ou de personalidade de pessoas públicas são sempre explorados. Comumente, a imagem de alguém retratada na charge revela em sua natureza um aspecto pictórico, cujos traços, formas e cores são os principais fatores contribuintes na construção de sentido. Outro recurso frequentemente utilizado pelos chargistas é a ironia, a fim de que figuras consideradas polêmicas sejam expostas em situações de constrangimento. A ironia é um recurso no qual tanto a literatura quanto a retórica utilizam para provocar um discurso reflexivo, e, no caso das charges, utiliza-se a ironia para provocar um discurso cômico e também reflexivo, afinal, o dizer exatamente o contrário daquilo que é um fato certamente provoca o riso.

As mensagens que comportam esse tipo de texto precisam ser interpretadas conforme o contexto no qual ela foi produzida. As narrativas presentes nesse gênero geralmente estão vinculadas a política, mas podem aparecer de forma que outros temas sejam abordados. A charge se caracteriza como efêmera pelo cuidado em que ela tem de mencionar fatos e acontecimentos recentes ou que estejam acontecendo, focalizando especificamente a realidade a ela contemporânea (MOUCO & GREGÓRIO, 2007).

Embora o gênero textual/discursivo e multimodal charge pareça ser elaborado de forma ingênua e sem nenhuma finalidade aparente, devido ao elemento humorístico constituinte desse tipo de texto, podemos verificar que as charges são construídas com o principal objetivo de despertar uma conscientização no público-alvo, pois ao mesmo tempo em que os textos chárgicos divertem e se apresentam de forma leve e descontraída, eles são também ferramentas utilizadas pelos chargistas para informar, criticar e denunciar uma situação (MOUCO; GREGÓRIO, 2007).

Além das ideias anteriormente citadas, tais textos podem ser utilizados ainda como recursos discursivos e ideológicos, tornando-se, dessa forma, um meio capaz de propiciar a produção e reprodução de discursos, bem como pode também se tornar um espaço que dissemina ideias preconceituosas e estereotipadas.

REPRESENTAÇÃO, DISCURSO E ESTEREÓTIPO SOBRE A REGIÃO

Constantemente, os discursos sobre a região amazônica brasileira têm sido apresentados de forma generalizada e estereotipada. As percepções predominantes sobre a Amazônia é a de floresta, de lugar perigoso, longe, atrasado, mítico e propício à disseminação de doenças. Murari (2007), ao mencionar os estudos de Buckle, retoma a perspectiva de que as diferenças existentes entre os estados brasileiros são resultantes das diferenças geográficas. Em outras palavras, o progresso ou a falta de desenvolvimento de uma sociedade, segundo essa teoria, está relacionada a quatro fatores físicos de uma região, que são o clima, o alimento, o solo e o aspecto geral da natureza.

Segundo Buckle, o organismo do homem possui suas próprias leis, desenvolvendo-se de acordo com elas desde que não esteja sendo reprimido pelos fatores externos. Estes elementos externos também seguiriam suas próprias leis, mas em contato com o homem estimulariam seus instintos ou seu intelecto, de modo que, para Buckle, é possível determinar a conduta humana a partir das condições naturais em que se dão. Da recíproca influência do homem sobre a natureza e dos condicionamentos exteriores sobre a natureza e dos condicionamentos exteriores sobre o homem são derivados, de acordo com o autor, todos os acontecimentos. (MURARI, 2007, p. 68)

Nesse sentido, tais fatores são contribuintes no desenvolvimento ou na estagnação de uma determinada região, devido à forte influência que os fatores climáticos exercem sobre o homem. Dessa forma, todos esses imaginários correspondentes a essa região são colaboradores direto na formação das representações sobre a Amazônia brasileira.

De acordo com Bueno (2002), ao pensarmos na palavra Amazônia, somos quase que de forma imediata levados a alguns imaginários a respeito dessa região, como por exemplo de que ela é apenas uma imensa floresta, com paisagens uniformes e desconhecidas. Além disso, somos remetidos também ao pensamento de um lugar nunca antes explorado, com um aspecto essencialmente bucólico e letárgico. Murari (2007) postula que o Euclides da Cunha, de acordo com as categorias de Buckle, considera a

Amazônia como um território onde a anomalia e a disparidade sejam fatores dominantes e, ainda, como elementos responsáveis por tornar o homem em um ser parasita e incapaz de se aclimatar.

No entanto, ainda conforme Bueno (2002), essa noção de Amazônia que perpassa nossos imaginários não é recente. Ao contrário, ela vem sendo construída ao longo dos séculos, desde a institucionalização da Amazônia como região. Os imaginários estão quase sempre ligados às dicotomias de paraíso/inferno, e de civilizado/barbárie, mostrando, assim, um ponto de vista afirmativo de que tal espaço nitidamente é construído por meio dos discursos.

As imagens e os mitos preconcebidos que temos a respeito da Amazônia podem ser consideradas como uma forma de estender e ampliar os discursos, veiculados em textos falados e escritos, produzidos e reproduzidos sobre essa região. Tais discursos estão fortemente vinculados a uma visão de colonizador, de explorador, de “descobrimto” e de interesses europeus. Dessa forma, podemos perceber que, desde a “descoberta” dessa região até a contemporaneidade, os discursos europeus vêm atravessando diferentes momentos históricos, elaborando em nossos imaginários uma construção irreal, ou inventada a respeito da Amazônia (PIZZARO, 2012). Para Pizarro (2012),

A Amazônia é, assim, uma construção discursiva. Somente através dessa construção é possível chegar à sua imagem. Esta região do imaginário é a história dos discursos que a foram erigindo, em diferentes momentos históricos, dos quais recebemos apenas uma versão parcial, a do dominador. Como espaço físico e cultural, a Amazônia possuía elementos que atuavam como dispositivos simbólicos no invasor, instigando nele conexões semióticas do imaginário, permitindo que comparasse com o que via um universo mítico, que respondia a suas carências, expectativas, necessidades físicas e espirituais. (PIZZARRO, 2012, p. 33).

Tais discursos advindos dos europeus eram carregados de fantasias e surgiam na tentativa de que suas necessidades e expectativas fossem supridas. As construções discursivas não eram ingênuas, tampouco inocentes: elas eram elaboradas com propósitos já pré-estabelecidos, justificados pelo fato de que enquanto o discurso do dominador foi registrado nos relatórios e nos documentos, os discursos dos nativos

foram deixados de fora da história. O discurso europeu, dos “descobridores”, dos missionários e dos cientistas viajantes marcou o período de ocupação da Amazônia, que se deu entre os séculos 15 e final do século 18 (PIZZARO, 2012). No entanto, focaremos apenas no discurso dos cronistas, por meio de seus relatos de viagens.

Com base nos relatos dos cronistas viajantes, podemos perceber que as expedições realizadas por eles para a região amazônica quase sempre aconteciam pela busca de conhecimento científico europeu e de riquezas em regiões desconhecidas, portanto, inexploradas. Existia uma procura incessante pelo Éden, pelo Eldorado e pelo Reino dos Amazonas, todos espaços mitológicos. Nesse sentido, há uma concordância com o pensamento da Pizarro de que “a Amazônia é ocupada, primeiramente, pela imaginação fantasiosa do conquistador e, posteriormente, pelo imaginário moderno dos naturalistas” (PIZZARRO, 2012, p. 38). As histórias contadas pelos viajantes relatavam narrativas imaginárias que diversas vezes envolviam a mitologia grega com aspectos da região, ou povos estranhos, terras fantásticas e monstros, contrariando a visão inicial de encontrar um paraíso perdido.

Para o viajante, o que se espera ver e encontrar já havia sido ditado por suas leituras, seus temores, suas fantasias, toda a informação fabulosa que reuniu em seu meio. De algum modo, ele vai encontrar o que esperava encontrar, o que imagina de alguma maneira já está em sua cabeça. Daí sairá o imaginário de gigantes, anões, a monstruosidade do cinocéfalo, do bispo do mar, dos homens com rabo, dos orelhões. (PIZZARRO, 2012, p. 67).

Com efeito, notamos que os discursos construídos a partir dos relatos dos viajantes tomam como sustentação a visão do europeu, que se enquadra em um imaginário vindo tanto da Idade Média e do obscurantismo quanto dos conteúdos míticos do Renascimento, resgatados pelas fantasias greco-latinas. Temos como exemplo disso alguns personagens construídos que passaram a fazer parte da cultura popular amazônica, como o caso do *curupira*. O referido personagem é popularmente presente nos imaginários e aparece com diferentes denominações e variantes. Em uma dessas aparições, tal criatura possui como característica marcante os pés virados ao contrário (PIZZARRO, 2012).

Entre as inúmeras figuras relatadas nas crônicas dos viajantes, a autora destaca as Amazonas, o Eldorado e o Maligno. Conforme Pizarro (2012), a narrativa das Amazonas, considerada uma imagem surpreendente, é de Frei Gaspar de Carvajal. As Amazonas seriam mulheres de origem iraniana que possuíam um dos seus seios cortados para facilitação do manejo do arco. Além disso, eram consideradas mulheres solitárias por se relacionarem sexualmente com homens apenas uma vez no ano e desaparecerem com os seus filhos machos. Figuras como essas, presentes em muitos imaginários dos cronistas viajantes, também foram mencionadas nos relatos de viagem de Orellana, como, por exemplo, as mulheres que os indígenas chamavam de *coniupuiaras*.

Elas vivem próximo da costa, a sete dias de caminho. A descrição do dominicano remete à existência de um grupo de mulheres; no total, haveria umas setenta aldeias às quais é difícil chegar porque elas têm vigias. São mulheres celibatárias que levam consigo os homens quando querem sexo, deixando que partam em seguida. Quando engravidam e o resultado é um homem, matam o filho e o enviam ao pai, mas se é mulher será convertida em guerreira. (PIZARRO, 2012, p. 72).

O relato dos cronistas embasados em seus próprios imaginários retratava a imagem das Amazonas, conforme Pizarro, “como essa mulher forte, aterrorizante, que exerce o domínio sobre si mesma e seu entorno, dona de seu prazer e sua gravidez” (PIZARRO, 2012, p. 76). Ainda segundo a referida autora, fantasias como essas que envolviam o erotismo também podem ser encontradas nos textos escritos por Carvajal, justificadas pela carência de mulheres durante os meses de viagens.

Além dos relatos de viagem acerca das Amazonas, havia narrativas imaginárias a respeito do mito do Eldorado. Essas representações fantasiosas faziam parte das impressões dos navegadores viajantes, portanto, eram carregadas de subjetividade. O mito do Eldorado ficou popularmente conhecido desde aquela época até os dias de hoje, conforme Pizarro (2012). A autora postula que esse mito surge a partir do desejo de enriquecimento do europeu na América, se expandindo entre os séculos XV e XVIII. A

narrativa mítica “fala da existência de um cacique que se banha numa lagoa e após o banho de água, recebe um banho de ouro em pó” (PIZARRO, 2012, p. 80).

A referida autora comenta que esse mito é, provavelmente, proveniente de uma “transmissão europeia das imagens da riqueza do Oriente, trazidas por Marco Polo” (PIZARRO, 2012, p. 81). Quanto à estrutura do mito, ele era basicamente composto por três elementos, apesar de suas distintas variantes, que são o cacique Dourado, conhecido também como o príncipe, uma lagoa e o ouro em pó. Desse modo, é evidente que o imaginário a respeito da riqueza e do ouro era bastante comum nas primeiras imagens que retratavam a Amazônia, justificado pela necessidade de encontrar um paraíso que pudesse proporcionar a riqueza e a felicidade.

Paralelamente a esse imaginário de paraíso perdido, do Eldorado, de lugar capaz de promover sentimentos bons, cuja felicidade está no centro de tudo, onde o ouro é possível para todos e a riqueza é facilmente encontrada, nos deparamos com a imaginação europeia sobre a América que contraria essa imagem de lugar bom, contrapondo com a transmissão de pensamentos ligados ao maligno, ao demônio e ao inimigo.

Os cronistas e missionários viajantes na época da colonização eram convictos de que teriam que enfrentar um Brasil caótico. Suas crenças faziam com que houvesse uma associação entre natureza e seres que representavam o mal; logo, o colonizador tinha a falsa ideia de que a natureza estava endemoniada. Tal imagem era vista também pelos padres europeus, que consideravam o Brasil como um lugar demoníaco. O caos era tido como uma espécie de prova capaz de sustentar a premissa de uma região habitada por demônios (PIZARRO, 2012). A mencionada autora enfatiza que “o demônio na linguagem dos textos da época é o Inimigo, o Mau, o Príncipe das Trevas, entre as muitas vozes que o nomeavam ou tentavam evitá-lo” (PIZARRO, 2012, p. 86).

Ainda de acordo com Pizarro (2012), o século XVI, na Europa, ficou conhecido pela presença de Satanás e seus demônios, podendo ser “vistos” por toda a parte, quer fosse no ar, na água, em lugares subterrâneos; existiam muitos deles, com especificidades diferentes para que se adequassem e adentrassem em qualquer tipo de

lugar. Dessa forma, com base nas ideias associadas ao inferno e ao demônio começaram a construir imaginários erráticos e infundados sobre a região amazônica, devido às crenças de que a Amazônia era um lugar de desordem e de caos.

Seguindo essa perspectiva, a Amazônia passou a ser construída a partir de um imaginário errôneo, e vista, assim, como um espaço ora paradisíaco, ora infernal. Além disso, era tida como um lugar propício a aparição de demônios, criaturas estranhas, com uma zoologia fantástica digna de ser nomeada como um mundo endemoniado. Assim, os discursos passaram a ser construídos e amplamente difundidos na Europa, seja pelos escritos de viagens, pelas crônicas ou pelas relações humanas (PIZARRO, 2012).

Entre os cronistas brasileiros que obtiveram destaque no início do século XX, destacaremos o Euclides da Cunha e suas impressões de viagens pela Amazônia, tendo em vista que, após os seus relatos, podemos verificar que ele tinha pretensões de “salvar” a região amazônica, acreditando que a união da ciência e tecnologia fosse capaz de solucionar os problemas da localidade. Euclides acreditava na vitória da civilização, no progresso amazônico e na imposição das culturas urbanizadas.

A variedade e a exuberância da natureza do Brasil, ao lado da extensão territorial do país, tornam imperativo o progresso, acredita Euclides da Cunha, pois a vitória da civilização seria o último elemento capaz de garantir a unidade nacional. A partir desta ideia já é possível reconhecer que o escritor não afasta ao contrário de Buckle, a possibilidade de progresso do Brasil. (MURARI, 2007, p. 73).

Nesse sentido, Murari (2007) destaca que Euclides da Cunha focaliza as questões relacionadas à natureza brasileira e ainda aos possíveis progressos no país, considerando a região amazônica como um território prejudicial ao desenvolvimento intelectual e físico da nação, acreditando que o clima é um dos elementos que colaboram para uma evolução reversiva. Com base em suas observações e análises, Euclides concorda com a teoria mesológica determinista, que defende a ideia de um desnível entre o Norte e o Sul do país, havendo, portanto, segundo a visão euclidiana, uma dualidade entre o progresso previsto no Sul e a evolução reversiva presente no Norte (MURARI, 2007).

Para os defensores dessa teoria, em ênfase o Euclides da Cunha, os fatores geográficos como o solo, o clima, o relevo e os recursos naturais, ou seja, o ambiente físico da natureza de modo geral, são agentes que exercem uma influência sobre a humanidade, bem como também sobre o nível de desenvolvimento de cada região. Dessa forma, conforme os escritos de Murari (2007), o olhar de Euclides estava completamente voltado para o fato de que para ele a influência da natureza estava intimamente ligada ao desenvolvimento ou a falta dele no país, conforme suas regiões.

No tocante ao estado do Acre, por intermédio das narrativas sobre a região, podemos verificar que os discursos construídos no decorrer dos anos homogeneizam os lugares e as pessoas, bem como permitem a manutenção e a propagação de alguns estereótipos sobre a Amazônia do Acre. Dessa forma, os imaginários que perpassam o Acre estão ligados à exclusão e a não existência do estado, bem como a inferiorização e a exotização, que conservam o Acre como a margem da história (QUEIRÓS; MENDES, 2018).

Ainda conforme Queirós e Mendes (2018, p. 29), “uma das dificuldades de romper com o imaginário e os estereótipos é o fato de que os próprios moradores da região amazônica se ‘amazonizam’, ou melhor, se ‘acrianizam’, ou seja, se tornam aquilo que os ‘outros’ pensam que eles são” (QUEIRÓS; MENDES, 2018, p. 29). Nesse sentido, analisaremos três charges publicadas nos jornais acrianos *A Gazeta* e *Tarauacá Notícias*, que evidenciam o fato de o Acre ser visto tanto pelos “outros” quanto pelos próprios acreanos como um território inferiorizado, exótico, infernal e atrasado, mantendo, assim, os discursos estereotipados a respeito da região. É importante destacar que tais discursos contribuem na produção, na reprodução e na manutenção de ideias errôneas e prejudiciais sobre o local, sobre o modo em que as pessoas vivem, sobre a possibilidade de adquirir vantagens lucrativas por meio da implantação de indústrias na região, sobre a necessidade de colonizar, de modernizar, de fazer progredir e de “civilizar”.

Análise da primeira charge

Figura 1. O calor no Acre



Fonte: < <https://agazetadoacre.com/2014/08/charge/charge-05082014/>>

Ao analisarmos a primeira charge, podemos observar a articulação entre a linguagem verbal e não verbal e a forma como a mescla de texto escrito e imagem se complementam a fim de que a união desses dois elementos possa produzir sentido para o leitor. Além disso, a utilização dos recursos escritos e visuais promove uma interação entre as diferentes linguagens dentro desse mesmo texto chágico.

A charge é composta por um título, destacado na cor preta, com a seguinte frase “o calor no Acre”; em seguida, podemos visualizar um cenário composto por um galho de uma árvore, na cor verde, com algumas poucas folhas. Depois, podemos ver um pássaro nas cores azul e branco e ainda um ninho posto em cima desse galho. Dentro desse ninho, existem três ovos possivelmente botados pelo passarinho. No canto esquerdo da charge, vemos um balão indicando a fala do mencionado pássaro com a seguinte frase “Meus filhinhos!!!”.

Nesse sentido, o que nos chama atenção é o fato de os ovos não estarem em seu estado natural, mas por estarem com uma aparência que os caracteriza como fritos. As cores e o formato da ilustração enfatizam que houve uma fritura desses três ovos, uma

vez que é possível ver claramente a gema amarela no centro e a clara branca nas bordas, indicando o estado não natural em que eles foram encontrados.

A expressão no semblante do pássaro pode ser interpretada como de desespero, de preocupação, ou de lamentação, ou ainda quem sabe seja a junção desses três sentimentos. Isso ocorre devido ao fato surpreendente de o pássaro encontrar seus ovos, considerados por ele como filhos, em estado de fritura. Além da expressão emitida pelo personagem, somos levados a essa interpretação, devido ao texto escrito inserido dentro do balão. A fala “Meus filhinhos!!!” evidencia o sofrimento da ave ao perder seus ovos em processo de chocamento.

Conforme a contextualização do texto verbal e imagético associados ao título propositalmente escolhido pelo autor, identificamos que a história foi elaborada com a finalidade de representar o clima quente do Acre. Desse modo, apesar de a charge cumprir seu papel humorístico, ela também se apresenta carregada de discursos ideológicos a respeito de certa característica geográfica/natural do estado. Nesse sentido, encontramos por meio dessa ilustração as alusões referentes ao calor da região.

Com base nos pressupostos teóricos discutidos anteriormente, sabemos que quase sempre a região amazônica brasileira, e nesse caso, o estado do Acre, tem sido alvo de muitos discursos estereotipados a respeito do calor. Desse modo, podemos tomar como referência o escritor Euclides da Cunha, que, por meio de seus relatos de viagem, enfatizou o clima amazônico como algo que certamente influencia na falta de progresso regional. Murari comenta a postura de Buckle e as suas conclusões sobre a Amazônia, considerada por ele como “um território que, dominado pela anomalia e pela disparidade de suas manifestações climáticas, *deprime e exaure*, tornando o homem um parasita incapaz de se aclimatar, seja pelas vazantes de verão, seja pela temperatura extremamente baixa no inverno”. (MURARI, 2007, p. 75).

Os discursos a respeito do clima amazônico vêm se perpetuando desde os primeiros cronistas viajantes até os dias atuais. Tais discursos foram disseminados há muito e propagados até os dias de hoje, seja por meio dos próprios habitantes, devido a toda essa representação fixa em seus imaginários, seja através do olhar do outro,

daquele que está de fora da região e desse contexto, ou ainda devido à mídia enfatizar e reafirmar discursos em que associam a região acreana a um lugar quente, portanto, de difícil adaptação.

Análise da segunda charge

Figura 2. O confuso-fuso horário



Fonte: <<http://tarauacanoticias.blogspot.com/2011/02/charge.html><http://tarauacanoticias.blogspot.com/2011/02/charge.html>>

Nessa segunda charge, percebemos de forma quase que imediata que sua construção foi pensada especificamente para um contexto regional, no sentido de que ela envolve pelo menos duas questões que foram polemizadas no estado do Acre. O fuso horário acreano e a figura do ex-governador Flaviano Melo foram amplamente discutidos no ano de 2008, período em que foi sancionada a lei que alterava o fuso horário do estado.

Ao observarmos a mencionada ilustração intitulada como o “Confuso-fuso horário”, verificamos a caricatura do Flaviano Melo, com suas características bem demarcadas, seguido de um balão para representar a sua fala com o seguinte texto “O povo decidiu pelo horário antigo”. A personagem segura em suas mãos uma bengala, e faz movimentos que evidenciam uma agressão contra um segundo personagem envolvido neste cenário. A segunda figura presente na história representa a família Marinho, donos da Rede Globo de televisão. Intencionalmente a charge, em vez de

desenhar uma cabeça no corpo que representa a família Marinho, ilustrou o logotipo da Rede Globo. O símbolo é composto por um círculo com um retângulo com outro círculo, representando nesse sentido a Terra e, o retângulo por sua vez, o aparelho de televisão, segundo seu criador Hans Donner.

Quanto ao recurso de texto escrito, o chargista utilizou a palavra *confuso* para dar ênfase as alterações relacionadas ao horário do estado, já que no ano de 2008, o fuso horário do Acre havia sido alterado para menos uma hora em relação ao horário do Distrito Federal, conforme a lei 11.6662, de 24 de abril de 2008, criada pelo então senador Tião Viana (PT-AC). O senador defendia a referida mudança por acreditar que a alteração seria benéfica no sentido de que, por meio da mudança no fuso horário, o estado do Acre e a sua diferença de pelo menos duas horas em comparação a Brasília e quase todo o resto do Brasil prejudicava o estado econômica e culturalmente.

No entanto, somente após alguns anos de muita polêmica e de diversos embates envolvendo políticos, como Flaviano Melo (PMDB), em destaque na charge, bem como trabalhadores, estudantes e moradores do estado acreano, um referendo foi utilizado para consultar a população de modo geral sobre a alteração. Os resultados da eleição mostraram que 56,8% da população haviam votado no retorno do horário antigo (-2h em relação ao horário de Brasília).

Conforme podemos verificar no texto chárigo em análise, embora houvesse tido um referendo comprovando que a vontade do povo era permanecer com o antigo fuso horário, as emissoras de televisão ignoraram a nova lei que sancionava a mudança no horário acreano e continuaram transmitindo os programas de televisão conforme o horário legal, de diferença de -1h em relação ao horário da capital. A mídia, a imprensa e muitos outros meios de comunicação, como os jornais, por exemplo, passaram a reforçar ainda mais os discursos de que o estado do Acre é um lugar atrasado.

Segundo Murari (2007), alguns estudiosos apontam para a ideia de que a região amazônica é, pela sua própria natureza, um território sem progresso, como é o caso do escritor Euclides da Cunha. Com efeito, ao nos embasarmos na história contada pela charge e na visão euclidiana, podemos ter a interpretação de que tanto Cunha, quanto o

ex-senador Tião Viana, tinham o propósito de “civilizar”, de trazer “progresso”, de aproximar a região do resto do mundo, trazendo assim, um encurtamento entre as distâncias e as disparidades temporais e um aspecto de avanço cultural.

Frequentemente somos testemunhas de discursos voltados para a modernização da Amazônia e do estado do Acre, visando o crescimento e o “bem” da população, oferecendo “melhorias”, indústrias, tecnologias e cultura. Os veículos midiáticos são os principais agentes transmissores desses discursos, na tentativa de estabelecer a imposição da cultura e do ritmo de outros estados sobre a região acreana, enfatizando as diferenças, inclusive do fuso horário, para estigmatizar os habitantes da região, a fim de limitar e desvalorizar toda essa região.

Análise da terceira charge

Figura 3. Agentes de endemia contra o Aedes



Fonte: <<https://agazetadoacre.com/2016/01/charge/charge-22/>>

A terceira e última charge a ser analisada, publicada pelo jornal eletrônico *A Gazeta*, em janeiro de 2016, faz uma correlação entre um campo de futebol e as doenças sazonais, tanto pelo texto escrito quanto pela ilustração. A partir do desenho elaborado pelo chargista podemos visualizar as estruturas de um campo futebolístico, que incluem uma grama em seu melhor aspecto, verde e bem aparada, bem como uma rede de trave, aparentemente conservada, a presença de um dos times de jogadores em campo e ainda de um jornalista para cobrir o jogo.

Algo que certamente prende a atenção do leitor são os jogadores que compõem um dos times. Em vez de o time ser composto por pessoas, a charge traz três mosquitos, devidamente uniformizados, prontos para entrar em campo, com a finalidade de ganhar a partida. Acreditamos que o fato de os mosquitos, ou “jogadores”, estarem posicionados em cima de uma poça de água parada e limpa evidencia o preparo e a resistência do time contra os adversários.

No que se refere ao recurso de texto escrito utilizado na charge, podemos visualizar o título denominado de “Agentes de endemia contra o Aedes F. C.” e um balão representando a fala do repórter que diz a seguinte frase: “E o time das endemias, pandemias e surtos vai jogar com: Zika Vírus, Chicungunha e Dengue!”. Nesses dois textos escritos percebemos uma referência a doenças causadas pelos mosquitos e em contrapartida uma mobilização para erradicar ou combater as doenças provenientes desses pernilongos.

O próprio título do texto destaca uma mobilização por parte dos agentes de endemias no combate a essas manifestações de doenças e a fala do repórter reforça a ideia de que tais mosquitos são os causadores de surtos e endemias comumente conhecidas pela dengue, zika e chicungunha. Nesse sentido, podemos considerar que a mescla de texto escrito com o texto visual foi imprescindível na contribuição de uma produção de sentido.

Conforme podemos observar na charge publicada no jornal *A Gazeta* do estado do Acre, os discursos sobre a região são direcionados para alguns estereótipos que já estão enraizados nos imaginários tanto dos acreanos, quanto das pessoas de outras partes do mundo. Comumente, as pessoas fazem uma associação do Acre com os surtos de dengue ou de outras doenças provenientes da picada de mosquito, revelando, assim, os discursos que surgiram ainda nas primeiras expedições para a região amazônica.

Pizarro destaca no texto *Amazônia, as vozes do rio* alguns relatos dos cronistas viajantes que são os primeiros a construírem e a difundirem esses discursos de que a região amazônica é um lugar extremamente perigoso, em que as chances de morrer por uma picada de mosquito são gigantes. Tais exageros podem ser confirmados pelo

seguinte trecho: “A expedição começa a enfrentar a falta de víveres, enfermidades, mosquitos, perigos infindáveis e seus imigrantes vão morrendo pouco a pouco” (PIZARRO, 2012, p. 97).

Dessa forma, os discursos produzidos até a contemporaneidade são voltados para inferiorizar a região amazônica e o estado do Acre a partir da caracterização da região como lugar de pestes e doenças, bem como para marginalizar todo esse território através da imposição de narrativas fantasiosas que geram tensão, o medo de adoecer e o afastamento das pessoas desse lugar divulgado como inóspito, inabitável e intrafegável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo o trabalho, algumas reflexões foram traçadas para que pudessemos trazer alguns apontamentos acerca do imaginário que permeia a região amazônica e o estado do Acre. Inicialmente, identificamos que o gênero textual, discursivo e multimodal charge é um instrumento utilizado de forma recorrente para disseminar ideias estereotipadas sobre o estado do Acre.

Nesse sentido, pudemos verificar que os discursos estereotipados sobre a região amazônica e sobre o território acreano ainda estão relacionados às primeiras expedições de viagens para a região. Desse modo, evidenciamos que as representações sobre a Amazônia surgiram a partir de ideias já concebidas dos viajantes, entre eles cronistas, estudiosos e cientistas.

A junção do texto escrito com o texto imagético nos possibilitou perceber a produção de sentidos que as fontes visuais podem proporcionar. Com efeito, notamos a partir das análises das três charges as representações e os discursos estereotipados presentes nas ilustrações, relacionados às narrativas construídas de que o Acre é um estado atrasado, com um calor infernal e propício para contrair doenças que levam à morte, ou seja, é uma região na qual o resto do mundo deve manter um certo distanciamento.

Diante disso, concluímos que as charges produzidas no Acre, publicadas no contexto de um jornal local, circulando por meio de textos impressos e digitais, ainda

seguem um modelo de representação que reforça os estereótipos e os discursos produzidos em um outro momento histórico, disseminado assim, ideias preconceituosas sobre a Amazônia acreana.

REFERÊNCIAS

A GAZETA DO ACRE. **Charge: Agentes de endemias contra o Aedes FC**, Rio Branco, 16 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://agazetadoacre.com/2016/01/charge/charge-22/> . Acesso em: 20 de Ago. 2019.

A GAZETA DO ACRE. **Charge: O calor no Acre**. Rio Branco, 05 de Agosto de 2014. Disponível em: <https://agazetadoacre.com/2014/08/charge/charge-05082014/> . Acesso em: 22 de Ago. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BUENO, Magali Franco. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de geografia e da mídia impressa**. 2002. 197 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em:< <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11052004-103058/pt-br.php>>. Acesso em: 18 Ago. 2019.

CAVALCANTI, Maria Clara Castanho. **Multimodalidade e argumentação na charge**. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Letras). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em< <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp118089.pdf>>. Acesso em: 20 Ago. 2019.

ERRAZ, Janaína Aquino. Gêneros multimodais: novos caminhos discursivos. In: **Anais do VIII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não Verbal**, 2008. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p.194.

MOUCO, Maria Aparecida Tavares; GREGÓRIO, Maria Regina. **Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica.** 2007. Disponível em: < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1104-4.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2019.

MURARI, Luciana. O deserto e as distâncias: cultura e a natureza nas representações da nacionalidade brasileira. In: _____. **Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país D'os Sertões.** São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapeming, 2007. p. 45-97.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

QUEIRÓS, Francisco Aquinei Timóteo; MENDES, Francielle Maria Modesto. Caudal identitário: representação, imaginário e estereótipo no documentário O Acre Existe. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 32, n. 79, 2018, p. 25-33. Disponível em: <<http://revistas.unisinus.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2018.32.79.03>>. Acesso em: 16 ago. 2019.

ROJO, Roxane; MOURA, E. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: _____. (Org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

TARAUACÁ NOTÍCIAS. **Charge: O confuso-fuso horário.** Tarauacá, 23 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://tarauacanoticias.blogspot.com/2011/02/charge.html><http://tarauacanoticias.blogspot.com/2011/02/charge.html>>. Acesso em: 20 de Ago. 2019.

Recebido em 20 de abril de 2021.

Aprovado em 11 de setembro de 2021.